

# OS SANTOS NÃO SEGUIRAM SANTOS, SEGUIRAM CRISTO

*A natureza não é Deus, mas o manifesta. O santo não é Cristo, mas o revela. Estudo bíblico e agrosófico sobre mediação e finalidade.*

**Por Aínor Francisco Lotério**

*Diácono Permanente, Engenheiro Agrônomo, Filósofo e Teólogo. Criador da Agrosofia e da Agroteologia. Mestre em Gestão de Políticas Públicas. Autor de A Eternidade em Nós, Paixão pelo Cooperativismo, Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes, e Um Minuto de Inspiração.*

## I. A AFIRMAÇÃO E O SEU LIMITE

A afirmação de que os santos não se notabilizaram por seguir outros santos, mas por seguir Jesus Cristo, procede e tem sustentação bíblica sólida. Ela precisa, contudo, de uma delimitação exata desde a primeira linha, sob pena de se converter no erro contrário. A tese não nega a comunhão dos santos, não dispensa a intercessão, não desautoriza a devoção e não relativiza a Tradição. Ela apenas distingue duas categorias que a devoção popular frequentemente confunde, e cuja confusão está na origem de quase todos os desvios religiosos de que a história dá notícia: a mediação e a finalidade.

Toda a argumentação que se segue repousa sobre um único princípio, formulável em uma linha. O sinal serve quando conduz, e trai quando retém. Este princípio vale para a natureza diante de Deus, para a imagem diante do protótipo, para o santo diante de Cristo, para o pai diante do filho e para o líder diante da instituição. Quem o compreende em um dos campos compreendeu em todos.

**RESSALVA.** *O que se afirma não é que os santos sejam desnecessários. É que eles não são o destino. Quem retira desta tese uma recusa da veneração aos santos está lendo contra o texto e contra a Igreja. A distinção correta é entre caminho e termo, entre via e meta, entre companhia e fim.*

## II. A GRAMÁTICA DO SEGUIMENTO NO NOVO TESTAMENTO

O verbo grego *akolouthéo*, seguir, aparece cerca de noventa vezes nos Evangelhos, e o seu complemento é sempre o mesmo. Segui-me e vos farei pescadores de homens, em Mateus 4,19. Segue-me, dito a Mateus no posto de cobrança, em Mateus 9,9. Vem e segue-me, dito ao jovem rico, em Marcos 10,21. Segue-me, dito a Filipe, em João 1,43. E, de modo definitivo, a correção de Jesus a Pedro no epílogo joanino, quando este se preocupava com o destino do discípulo amado: que te importa? Tu, segue-me, em João 21,22.

Não existe no Novo Testamento uma única ocorrência do imperativo *seguí Pedro* ou *seguí Paulo*. A gramática do discipulado é cristocêntrica por construção, não por polêmica. O termo do seguimento é sempre uma Pessoa, e sempre a mesma Pessoa. Vale observar ainda que, no uso evangélico, seguir nunca significa admirar à distância. Significa caminhar atrás de alguém que anda, partilhando o mesmo pó da estrada, o mesmo cansaço e o mesmo risco. O seguimento cristão é itinerante e corporal antes de ser doutrinal.

## III. O ANTIGO TESTAMENTO JÁ HAVIA FIXADO O CRITÉRIO

A tese não nasce com o Evangelho. Ela atravessa toda a revelação. Abraão não segue um justo anterior, mas escuta uma voz que o desinstala, em Gênesis 12,1. A fórmula mais antiga da santidade veterotestamentária é andar na presença de Deus, dita de Henoc em Gênesis 5,24 e de Abraão em Gênesis 17,1. E, quando Israel é constituído povo, o mandamento primeiro é precisamente a proibição de qualquer termo intermediário absoluto, em Êxodo 20,3-5.

Dois episódios merecem atenção especial, porque funcionam como demonstração pelo avesso. O primeiro é o sepultamento de Moisés. O maior dos profetas é enterrado por Deus mesmo, em um vale de Moab, e o texto acrescenta que até hoje ninguém conhece o seu túmulo, em Deuteronômio 34,6. A maior figura da história de Israel não deixou local de peregrinação. A omissão é pedagógica, não é acidente.

O segundo é ainda mais eloquente. A serpente de bronze havia sido feita por ordem divina e curava quem para ela olhasse, em Números 21,8-9. Séculos depois, o rei Ezequias a destruiu, porque os israelitas passaram a queimar-lhe incenso, e o texto sagrado registra com desprezo o nome que lhe davam, Neustã, pedaço de bronze, em 2Reis 18,4. Um sinal instituído pelo próprio Deus teve de ser quebrado quando deixou de apontar e começou a reter. Não há na Escritura advertência mais direta contra a fixação no intermediário, por mais legítima que tenha sido a sua origem.

O mesmo se lê na sucessão profética. Eliseu recebe o manto de Elias, mas só o recebe depois que Elias é arrebatado e desaparece, em 2Reis 2,9-14. E a sua primeira palavra ao ferir as águas não é o nome do mestre isolado, mas a invocação do Deus do mestre. A herança espiritual autêntica se transmite quando o antecessor sai de cena, e não quando permanece ocupando o centro.

**RESSALVA.** *Isto não deprecia os sinais nem os intermediários. A serpente de bronze curou enquanto foi olhada como sinal, e o próprio Jesus a retoma como figura da sua elevação na cruz, em João 3,14. O que a destrói não é a sua origem, é o uso. O mesmo objeto salva quando conduz e corrompe quando detém.*

#### IV. A CLÁUSULA PAULINA: IMITAÇÃO DERIVADA, NUNCA TERMINAL

Paulo é o texto que aparentemente contradiz a tese, e por isso mesmo é o que a confirma. Ele escreve: sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo, em 1Coríntios 11,1. O mesmo aparece em 1Coríntios 4,16, em Filipenses 3,17, em 1Tessalonicenses 1,6 e em 2Tessalonicenses 3,7-9. A cláusula como eu o sou de Cristo não é modéstia retórica. É condição de validade. A imitação de Paulo só é legítima na medida em que Paulo já está imitando outro.

A contraprova negativa está no início da mesma carta. Quando os coríntios começaram a dizer eu sou de Paulo, eu sou de Apolo, eu sou de Cefas, o Apóstolo reage com três perguntas fulminantes: está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado por vós? Fostes batizados em nome de Paulo? Isso em 1Coríntios 1,12-13. E conclui adiante: eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer, de modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, em 1Coríntios 3,6-7.

Para quem vem da agronomia, esta imagem é decisiva e merece ser demorada. O agricultor prepara, semeia, aduba, irriga, capina e colhe. Não faz germinar. A germinação obedece a uma lei que ele não instituiu e não pode suspender. Jesus dissera o mesmo na parábola da semente que cresce por si, em Marcos 4,26-29, onde o semeador dorme e levanta, de noite e de dia, e a semente germina e cresce sem que ele saiba como. A palavra grega usada ali, *automáte*, indica exatamente que a terra produz por força própria recebida. Toda liderança humana legítima, no campo, na cooperativa, na paróquia e na família, é serviço a um crescimento que não se fabrica.

**RESSALVA.** *Isso não anula o valor do exemplo humano. Paulo continua propondo-se como referência, e a Igreja continua propondo os santos como referência. O que a cláusula estabelece é a direção do olhar, não a supressão do modelo. Modelo que aponta para si mesmo deixa de ser modelo cristão e passa a ser ídolo.*

## V. OS SANTOS RECUSAM O OLHAR SOBRE SI

Este é o dado hagiográfico mais constante da Escritura. Pedro levanta Cornélio que se prostrava e diz: levanta-te, eu também sou homem, em Atos 10,25-26. Paulo e Barnabé rasgam as vestes em Listra quando a multidão os toma por deuses, em Atos 14,11-15. O anjo do Apocalipse, por duas vezes, impede a prostração de João e ordena que adore somente a Deus, em Apocalipse 19,10 e 22,8-9. E Jesus proíbe os títulos de rabi, pai e mestre, porque um só é o vosso Mestre, o Cristo, em Mateus 23,8-10.

O paradigma maior é João Batista. Os seus próprios discípulos o deixam para seguir Jesus, e ele não os retém, em João 1,35-37. A sua sentença é a definição exata da santidade: é necessário que ele cresça e que eu diminua, em João 3,30. E Maria, a maior entre os santos, pronuncia no Evangelho um único imperativo dirigido a seres humanos, em Caná: fazei tudo o que ele vos disser, em João 2,5. O único mandamento da Mãe é que se olhe para o Filho. O próprio Magnificat, em Lucas 1,46-49, é construído gramaticalmente nesse eixo, pois a alma engrandece o Senhor e todas as gerações a chamarão bem-aventurada justamente porque o Poderoso fez nela grandes coisas.

**A santidade é a arte de apontar para fora de si. Quem retém o olhar não é santo, é obstáculo.**

## VI. HEBREUS 12: A NUVEM QUE ENVOLVE E O ROSTO QUE SE FIXA

A síntese está em Hebreus 12,1-2. O autor evoca a grande nuvem de testemunhas, que é toda a galeria dos justos do capítulo 11, Abel, Noé, Abraão, Moisés, Raab, Gedeão, Davi e os profetas. Mas o versículo seguinte não diz olhando para eles. Diz: com os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé. A nuvem envolve, cerca, acompanha e sustenta. Não é o objeto do olhar. Ela é companhia, não é termo.

A mesma estrutura reaparece em Hebreus 13,7, onde se manda imitar a fé dos que presidiram e anunciaram a Palavra, considerando o fim da sua conduta. E o versículo imediatamente seguinte, Hebreus 13,8, explicita para onde essa conduta apontava: Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre. A ordem dos versículos é a própria tese em miniatura.

## VII. O PRINCÍPIO AGROSÓFICO: A NATUREZA NÃO É DEUS, MAS É MANIFESTAÇÃO DE DEUS

Aqui a Agrosafia oferece a chave de leitura mais límpida de toda esta questão. Toda a filosofia de vida que venho construindo a partir das forças agronaturais repousa sobre uma distinção elementar e inegociável: a natureza não é Deus, mas é manifestação de Deus. A semente não é o Criador. A árvore não é o Criador. A água não é o Criador. O solo não é o Criador. Todos eles, porém, dizem o Criador, e o dizem de modo tão eloquente que a Escritura considera inescusável quem não o percebe.

O fundamento bíblico é explícito. Os céus proclamam a glória de Deus, no Salmo 19,2. Pela grandeza e beleza das criaturas se contempla, por analogia, o seu Criador, em Sabedoria 13,5. E o que Deus tem de invisível, o seu eterno poder e divindade, tornou-se visível à inteligência desde a criação do mundo, nas suas obras, em Romanos 1,20. O mesmo capítulo de Romanos, contudo, denuncia com

dureza precisamente a inversão que aqui se combate: os que adoraram e serviram a criatura em lugar do Criador, em Romanos 1,25. A distância entre a contemplação e a idolatria é de uma preposição.

A Agrosofia, portanto, não é panteísmo e nunca poderia sê-lo. O panteísmo funde Deus e natureza, e ao fundi-los perde os dois, porque um Deus que é tudo já não é ninguém, e uma natureza que é Deus já não pode ser cultivada, cuidada nem reflorestada, apenas temida ou cultuada. O que a Agrosofia afirma é o contrário: a natureza é livro, é sinal, é vestígio, é linguagem. Na tradição escolástica, vestigium Dei. O Catecismo da Igreja Católica retoma a mesma distinção quando ensina que Deus é presente ao mais íntimo de suas criaturas sem jamais se confundir com elas.

A parábola do grão de mostarda, em Marcos 4,30-32, que já tomei como pórtico da mística agronatural, funciona exatamente assim. A menor das sementes torna-se arbusto capaz de abrigar as aves do céu. O grão não é o Reino. O grão diz o Reino. Quem confunde os dois planos ou idolatra a semente ou despreza a parábola. A leitura agrosófica correta mantém os dois níveis simultaneamente vivos, o biológico e o simbólico, sem colapsar um sobre o outro.

**RESSALVA.** *Reconhecer a natureza como manifestação de Deus não autoriza a divinizá-la, e negar que ela seja Deus não autoriza a desprezá-la. Os dois erros são simétricos. Quem adora a criação cai na idolatria. Quem a trata como matéria bruta e disponível cai na devastação. O reflorestamento com garapuvu e ipê no Sítio Agrosofia é gesto teológico exatamente por isso: cuida-se do sinal porque se respeita Aquele que o sinal manifesta.*

## VIII. A ANALOGIA EXATA: O SANTO É CRIATURA, NÃO CRIADOR

Estabelecido o princípio agrosófico, a analogia se impõe com rigor. O que a natureza é diante de Deus, o santo é diante de Cristo. O santo é manifestação, não é o manifestado. É vestígio, não é a Presença. É semente que aponta a Árvore, e não a Árvore. Do mesmo modo que o garapuvu diz o Criador sem ser o Criador, Francisco de Assis diz Cristo sem ser Cristo.

A Lumen Gentium 50 formula isso com precisão ao afirmar que todo testemunho autêntico de amor prestado aos bem-aventurados tende e termina em Cristo, coroa de todos os santos, e por ele em Deus. A mesma constituição, ao tratar de Maria nos números 60 a 62, ensina que a sua função materna em nada obscurece nem diminui a única mediação de Cristo, mas antes manifesta a eficácia dela, e que toda influência salutar da Virgem brota da superabundância dos méritos de Cristo. O fundamento escriturístico é 1Timóteo 2,5: há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.

Trento, na sessão vigésima quinta, ao defender a invocação dos santos contra os reformadores, sustentou-a exatamente sobre essa base, distinguindo a latría devida somente a Deus da dulia prestada aos santos e da hiperdulia prestada a Maria. Bento XVI costumava dizer que os santos são a exegese viva do Evangelho, isto é, interpretação de um texto que não são eles. E o Papa Francisco, na Gaudete et Exultate 11, adverte que cada santo é uma mensagem que o Espírito Santo tira da riqueza de Jesus Cristo, e que o cristão não deve copiar um santo, mas discernir o próprio caminho.

## IX. NICEIA II E A LEI DA IMAGEM: A HONRA PASSA AO PROTÓTIPO

Existe uma formulação dogmática que resolve esta questão com precisão quase matemática, e é a do Segundo Concílio de Niceia, em 787, ao encerrar a crise iconoclasta. O princípio ali definido, colhido de São Basílio, é que a honra prestada à imagem passa ao protótipo, e quem venera a imagem venera aquele que nela está representado. Duas afirmações estão contidas nessa sentença, e ambas precisam ser

sustentadas ao mesmo tempo.

A primeira é que a imagem é legítima, e legítima justamente porque Deus se fez visível. Depois da Encarnação, a matéria pode representar o invisível sem blasfêmia, e por isso o iconoclasta erra ao querer proteger Deus destruindo sinais. A segunda é que a honra não estaciona na imagem, ela transita. A imagem é gramaticalmente um dativo de passagem, nunca um acusativo de destino. Todo o culto aos santos e às suas representações vive dentro dessa lei, e fora dela deixa de ser católico e passa a ser superstição.

Note-se o parentesco desta lei com o princípio agrosófico. A natureza é imagem sem ser protótipo. O santo é imagem sem ser protótipo. E o próprio ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus em Gênesis 1,26-27, é imagem sem ser protótipo, o que funda ao mesmo tempo a sua dignidade inviolável e o seu limite. Cristo é o único caso em que a distinção cessa, porque ele é imagem do Deus invisível, em Colossenses 1,15, sendo simultaneamente o protótipo. Por isso somente diante dele o olhar pode parar.

**RESSALVA.** *Rejeitar a idolatria não é rejeitar a imagem. O iconoclasta e o idólatra cometem o mesmo erro por caminhos opostos, pois ambos supõem que a imagem retém o que representa. Um a destrói por isso, o outro a adora por isso. A posição católica é a terceira, e é a mais difícil de sustentar, porque exige olhar através sem parar em cima.*

## X. FRANCISCO DE ASSIS: A CONVERSÃO QUE TERMINA NO CRUCIFICADO

Francisco de Assis é o caso experimental perfeito, e não por acaso é o santo que a Agrosofia mais frequenta. Nascido por volta de 1181 em Assis, filho do comerciante Pietro di Bernardone, cultivou os ideais cavaleirescos do seu tempo, participou aos vinte anos de uma campanha militar contra Perúgia, foi aprisionado por cerca de um ano e adoeceu. Ao regressar começou nele um processo lento de conversão, que ele próprio descreveu não como um relâmpago, mas como metanoia continuada, o que já é uma lição contra a mitologia da iluminação súbita.

Três episódios estruturam esse caminho. O encontro com o leproso, a quem desceu do cavalo para dar o ósculo da paz. A voz do Crucifixo de São Damião, que por três vezes lhe pediu que fosse reparar a sua casa, que estava em ruínas. E a escuta do Evangelho do envio, em Mateus 10, na Porciúncula, ao qual reagiu dizendo que era aquilo que queria de todo o coração. Note-se o que há de comum entre os três. Nenhum deles é o encontro com um santo. Todos os três são encontros com Cristo, um no pobre, um na cruz, um na Palavra.

O próprio Francisco fixa o critério no seu Testamento, ao narrar como o Senhor o conduziu entre os leprosos e como aquilo que lhe parecia amargo se converteu em doçura de alma e de corpo. E a primeira linha da Regra não bulada não deixa margem a dúvida quanto ao termo do seguimento: viver em obediência, em castidade e sem propriedade, e seguir a doutrina e as pegadas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pegadas, vestigia, o mesmo vocábulo que a escolástica usava para dizer a criação como rastro do Criador. Francisco não seguiu santos. Seguiu pegadas, e as pegadas eram de Um só.

A pobreza franciscana, por isso, jamais foi ascese pela ascese, nem estética da carência, nem crítica social autônoma. Foi consequência cristológica. Se o Verbo se despojou, quem o segue despoja-se. A renúncia diante do bispo Guido, quando devolveu ao pai até as vestes que trazia, é a tradução jurídica e corporal de Filipenses 2,7, onde se diz que Cristo se esvaziou a si mesmo assumindo a condição de servo. A Senhora Pobreza não é uma virtude autônoma nem uma bandeira. É o nome que Francisco deu à forma concreta de acompanhar um Cristo pobre e crucificado. Retirada a referência cristológica, sobra

apenas miséria voluntária, que não salva ninguém.

O Cântico das Criaturas, composto em 1225 em São Damião, quando Francisco já estava doente, quase cego e sofrendo, é a confirmação literária do princípio agrosófico. Ele não louva o sol, a lua, o vento, a água, o fogo e a irmã terra. Ele louva o Senhor por meio deles. A preposição carrega toda a diferença teológica. Trata-se de um texto rigorosamente antipanteísta, escrito num tempo em que cátaros e albigeneses denegriam a matéria como obra do mal, e a sua originalidade está em mostrar que a realidade do mundo pode conduzir a Deus sem jamais substituí-lo. A Laudato Si 12 recolhe esse mesmo veio ao propor o reconhecimento da natureza como livro esplêndido no qual Deus nos fala.

Há ainda um detalhe biográfico que costuma passar despercebido e que confirma tudo. O Cântico não nasce da euforia diante de uma paisagem bonita. Nasce de um homem enfermo, quase cego pelo glaucoma, marcado pelas chagas, em conflito com a própria Ordem e vivendo em tempo de guerra. A louvação da criação, ali, não é otimismo rural. É ato de fé de quem já não enxerga o sol e continua bendizendo Aquele que o fez.

**RESSALVA.** *Francisco é venerado, invocado e imitado, e assim deve ser. O que não se pode é convertê-lo em termo. O ecologismo que o adota como patrono e descarta o Crucifixo de São Damião conserva a paisagem e perde a raiz. E a devoção que se detém no pobrezinho sem chegar Àquele cujas chagas ele recebeu na Verna repete exatamente o erro que a sua vida inteira desmontou.*

## XI. O PODER DA CRUZ: O CENTRO QUE NENHUM SANTO OCUPA

Existe um lugar no cristianismo que é estruturalmente indelegável, e esse lugar é a cruz. Paulo o afirma sem rodeios: nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios, mas para os chamados poder de Deus e sabedoria de Deus, em 1Coríntios 1,23-24. E declara que decidiu nada saber senão Jesus Cristo, e este crucificado, em 1Coríntios 2,2. A palavra grega ali empregada é *dýnamis*, poder, força operante, a mesma raiz de que vem dinamismo. A cruz não é símbolo do sofrimento humano em geral. É energia eficaz de reconciliação.

Nenhum santo foi crucificado por nós. Nenhum santo foi objeto do nosso batismo. Nenhum santo reconcilia, e a Escritura é literal ao dizer que Deus reconciliou todas as coisas por meio do sangue da cruz, em Colossenses 1,20. Os mártires, inclusive, morreram para testemunhar aquela cruz, e não para instituir a sua. O documento mais antigo do culto aos mártires já continha a distinção. No Martírio de Policarpo, do segundo século, os cristãos de Esmirna responderam à suspeita de que adorariam o mártir dizendo que a Cristo adoram porque é o Filho de Deus, e aos mártires amam como discípulos e imitadores do Senhor. A frase é do ano 155 aproximadamente, e a distinção já estava madura.

Francisco recebeu os estigmas em 1224, no monte Alverne. O detalhe é teologicamente eloquente e merece ser sublinhado. Ele não produziu chagas próprias. Recebeu chagas alheias. A santidade máxima do Ocidente medieval consistiu em ser marcado por feridas que não eram dele, de um corpo que não era o seu. Ser santo é ser tornado transparente a outro, até no próprio corpo.

## XII. A ETERNIDADE EM NÓS E O SENTIDO CORRETO DO LEGADO

Em A Eternidade em Nós sustentei que a eternidade pode iniciar-se em cada um e agora, e que a coragem de viver é o antídoto do medo de morrer. Esta tese exige aqui um esclarecimento que a preserva de qualquer deriva. A eternidade em nós não significa que sejamos eternos por conta própria. Significa que somos habitados. O legado que permanece não é o nosso nome, é aquilo de Deus que passou por nós

e que continua vivo em outros depois de nós.

A diferença entre legado e vaidade está exatamente aí. Legado é o que continua operando quando o nome já se apagou. Vaidade é o nome que se conserva quando a obra já não opera. Um pai que forma filhos firmes deixa legado ainda que ninguém recorde o seu rosto. Um cooperativista que fortalece a união deixa legado ainda que nenhuma placa o registre. Meu pai, agricultor e cooperativista, não me deixou uma biografia para reverenciar. Deixou-me uma prática a continuar. Isso é seguir alguém corretamente, e é também a razão pela qual o cooperativismo autêntico jamais depende de um fundador cultuado, e sim de princípios que seguem funcionando quando os fundadores já não estão.

O mesmo vale para a tríade que sustento como fundamento de toda a vida, a aliança plena entre Deus, o próprio eu e a pessoa com quem se convive. Os santos pertencem inteiramente ao terceiro termo dessa tríade, jamais ao primeiro. São a mais qualificada das companhias humanas, e é precisamente por serem santos que apontam para fora de si. Confundi-los com o primeiro termo não os honra. Desfigura-os.

### XIII. OS TRÊS DESVIOS QUE A DISTINÇÃO EVITA

O primeiro é a substituição devocional, na qual a devoção a um santo ocupa o lugar da relação pessoal com Cristo, e a pessoa acaba tendo intimidade com o intercessor e nenhuma com Aquele junto a quem ele intercede. O segundo é o discipulado por procuração, no qual se admira a santidade alheia como forma elegante de adiar a própria conversão, e a admiração funciona como anestésico. O terceiro é o personalismo eclesial e institucional, que Paulo já combatia em Corinto e que hoje reaparece em torno de pregadores, movimentos, comunidades, lideranças e figuras carismáticas, produzindo sempre o mesmo efeito, que é a fragmentação do corpo e a dependência de quem deveria ter formado autonomia.

Agostinho oferece a contraprova sadia. No livro oitavo das Confissões, a narração da vida de Antão do Deserto e da conversão de Vitorino, trazida por Ponticiano, é justamente o que o desestabiliza. A hagiografia funcionou. Mas a conversão não terminou em Antão. Terminou no jardim de Milão, com a leitura de Romanos 13,13-14: revesti-vos do Senhor Jesus Cristo. O santo foi instrumento eficaz. O termo foi Cristo. Assim funciona quando funciona bem.

### XIV. SÍNTESE

A afirmação procede, com a delimitação que este texto procurou manter em cada seção. Os santos são via, companhia, intercessão, exemplo e prova histórica de que o Evangelho é praticável por gente de carne e osso. Não são termo. A natureza manifesta Deus sem ser Deus, e é por isso que merece cuidado e não adoração. A imagem remete ao protótipo sem retê-lo, e é por isso que pode ser venerada sem idolatria. O santo manifesta Cristo sem ser Cristo, e é por isso que merece veneração e não culto de latría. Em todos os casos o princípio é o mesmo, e é o princípio que sustenta toda a Agrosafia e toda a Agroteologia: o sinal serve quando conduz, e trai quando retém.

**Os santos não se notabilizaram por seguir outros santos, mas por seguir Jesus Cristo. E é justamente por isso que podem ser seguidos, na exata medida em que seguem.**

---

*Referências principais: Bíblia de Jerusalém. Concílio de Niceia II, ano 787. Concílio de Trento, sessão XXV. Concílio Vaticano II, Lumen Gentium 50 e 60 a 62. Catecismo da Igreja Católica. Papa Francisco, Laudato Si e Gaudete et Exsultate. Bento XVI, catequese de 27 de janeiro de 2010 sobre São Francisco de Assis. Fontes Franciscanas: Testamento, Regra não bulada, Cântico*

*das Criaturas, Legenda Maior de São Boaventura. Martírio de Policarpo. Agostinho, Confissões, livro VIII. Aínor Francisco Lotério, A Eternidade em Nós e artigos publicados em [www.ainor.com.br](http://www.ainor.com.br) e [www.loterio.com.br](http://www.loterio.com.br).*